ACERVO
Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

Convoco minha infância e ela não me atende. Não vejo nada. Só a névoa. Um fato ou outro. Uma ligeireza. Contudo, a presença da infância é poderosa dentro de mim. Mas não da minha infância. Foi uma infância solitária, a minha. Não me esbaldei em brinquedos, não tive companheiros inesquecíveis. Infância de filho único — estreitinha.

Eu fazia gestos nervosos, batia as mãos freneticamente. Como se quisesse romper as paredes do corredor apertado em que me descobri. Minha infância foi isto: corredor. Eu falava sozinho. Eu queria horizontes, variedade. Não me lembro sequer do gato amarelo, não gato, mas brinquedo, que minha avó me deu e sei por meus pais, por mim, não sei. O gato não existe em mim. O que existe é pouquíssimo. O garoto que bate as mãos como um epilético, na solidão mais enfadonha, e se diverte falando sozinho.

Que é que eu me dizia? Não consigo saber. Mas me lembro do impacto, da repercussão estranha, que houve dentro de mim, a 27 de novembro de 35: a Revolução Comunista. Eu tinha sete anos feitos. Aquilo mexeu comigo e me pus a brincar de chofer de táxi e conduzia a burguesada em fuga... Passei horas sentado — nessa irreabilidade. A libertação pela palavra.

Fui uma criança mais ou menos infeliz. Que palavras eram as minhas quando me refugiava no irreal, não sei; mas sei que o sentimento da minha infância é o da solidão. Era eu uma criança tagarela, sociável extremamente. Minha comunicatividade impressionava. Mas eu vivia muito só.